ANTICAPITALISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Material com direitos autorais

© David Harvey, 2020

Edição
Ivana Jinkings

Coordenação de produção
Livia Campos

Tradução
Artur Renzo
Cauê Seigner Ameni
Murillo van der Laan

Preparação
Carolina Mercês

Capa
Flávia Bomfim e Maguma

Diagramação
Schäffer Editorial

Equipe de apoio
Débora Rodrigues, Dharla Soares, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Heleni Andrade, Higor Alves, Isabella Marcatti, Ivam Oliveira, Kim Doria, Luciana Capelli, Marina Valeriano, Marlene Baptista, Maurício Barbosa, Pedro Davoglio, Raí Alves, Talita Lima, Thais Rimkus, Tulio Candiotto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H271a

Harvey, David, 1935
Anticapitalismo em tempos de pandemia [recurso eletrônico] : marxismo e ação coletiva / David Harvey ; [tradução Artur Renzo, Cauê Seigner Ameni, Murillo van der Laan]. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2020.
recurso digital (Pandemia capital)

Compilado inédito de artigos sobre a pandemia do coronavírus
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5717-007-6 (recurso eletrônico)

Material com direitos autorais

1. Economia. 2. Capitalismo. 3. Coronavírus (Covid-19). 4. Livros eletrônicos. I. Renzo, Artur. II. Ameni, Cauê Seigner. III. Van der Laan, Murillo. IV. Título. V. Série.

20-65640

CDD: 330.122
CDU: 330.342.14

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: agosto de 2020

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285
editor@boitempoeditorial.com.br
www.boitempoeditorial.com.br
www.blogdaboitempo.com.br
www.facebook.com/boitempo
www.twitter.com/editoraboitempo
www.youtube.com/tvboitempo

Material com direitos autorais

Nota da edição

Três dos capítulos que compõem este volume foram originalmente publicados na revista *Jacobin* (www.jacobinmag.com), entre março e junho de 2020, e autorizados pelo autor para esta versão em e-book. São eles: "Política anticapitalista em tempos de coronavírus", "Formas coletivas de ação" e "As cidades pós-pandemia". O artigo "Crônicas anticapitalistas: uma transformação revolucionária requer uma resposta coletiva" resulta da transcrição de uma conferência de David Harvey postada no site https://www.democracyatwork.info/. Esse texto carrega, assim, algumas marcas de oralidade, ainda que tenhamos feito adaptações para que pudesse compor a coletânea.

Material com direitos autorais

Sumário

1. Política anticapitalista em tempos de coronavírus

2. Formas coletivas de ação

3. Crônicas anticapitalistas: uma transformação revolucionária requer uma resposta coletiva

4. As cidades pós-pandemia

Material com direitos autorais

1

Política anticapitalista em tempos de coronavírus[1]

Ao tentar interpretar, entender e analisar o fluxo diário de notícias, tenho a tendência de localizar o que está acontecendo em dois cenários distintos, mas interligados, de como o capitalismo funciona. O primeiro cenário é um mapeamento das contradições internas da circulação e acumulação do capital, à medida que o valor monetário flui em busca de lucro ao longo dos diferentes "momentos" (como Marx os chama) de produção, realização (consumo), distribuição e reinvestimento. Esse é o arranjo da economia capitalista como uma espiral de expansão e crescimento sem fim. Fica mais complicado conforme é analisado, por exemplo, por meio de rivalidades geopolíticas, desenvolvimentos geográficos desiguais, instituições financeiras, políticas estatais, reconfigurações tecnológicas e a rede em constante mudança de divisões do trabalho e relações sociais.

Eu imagino esse modelo incorporado, no entanto, em um contexto mais amplo de reprodução social (em lares e comunidades), em uma relação metabólica contínua e em constante evolução com a natureza (incluindo a "segunda natureza" da urbanização e do ambiente construído) e todas as maneiras de formações sociais culturais, científicas (baseadas em conhecimento), religiosas e contingentes que as populações normalmente criam no espaço e no tempo. Esses últimos "momentos" incorporam a expressão ativa das vontades, necessidades e desejos

Material com direitos autorais

humanos, a ânsia por conhecimento e significado e a contínua busca por realização em um cenário de mudanças nos arranjos institucionais, disputas políticas, confrontos ideológicos, perdas, derrotas, frustrações e alienações, todas essas questões elaboradas em um mundo de acentuada diversidade geográfica, cultural, social e política. Esse segundo cenário constitui, por assim dizer, minha compreensão prática do capitalismo global como uma formação social distinta, enquanto o primeiro é sobre as contradições dentro do mecanismo econômico que alimenta essa formação social ao longo de certos caminhos de sua evolução histórica e geográfica.

Espiral produtiva

Quando, em 26 de janeiro de 2020, li pela primeira vez sobre o coronavírus que vinha ganhando espaço na China, pensei imediatamente nas repercussões para a dinâmica global da acumulação de capital. Eu sabia, por causa de meus estudos sobre o modelo econômico, que bloqueios e interrupções na continuidade do fluxo de capital resultariam em desvalorizações, e que, se as desvalorizações se tornassem generalizadas e profundas, isso sinalizaria o início de uma crise. Eu também estava ciente de que a China é a segunda maior economia do mundo e que, na prática, foi ela que resgatou o capitalismo global no período pós-2007-2008. Portanto, qualquer impacto na economia chinesa provavelmente teria sérias consequências para uma economia global que já estava em péssima condição.

Pareceu-me que o modelo existente de acumulação de capital já estava com muitos problemas. Movimentos de protesto estavam ocorrendo em quase todos os lugares (de Santiago a Beirute), muitos focados no fato de que o modelo econômico dominante não tem funcionado bem para a maioria da população. Esse modelo neoliberal repousa cada vez mais no capital fictício e em uma vasta expansão na

Material com direitos autorais

oferta de moeda e na criação de dívida, e já enfrenta o problema de uma demanda efetiva insuficiente para realizar os valores que o capital é capaz de produzir. Então como o modelo econômico dominante, com sua legitimidade decadente e saúde delicada, poderia absorver impactos inevitáveis de uma pandemia e sobreviver a eles? A resposta dependia fortemente de por quanto tempo a interrupção poderia durar e se espalhar, pois, como Marx apontou, a desvalorização não ocorre porque as mercadorias não podem ser vendidas, mas porque não podem ser vendidas a tempo.

Há muito recusei a ideia de que a "natureza" estivesse fora e separada da cultura, da economia e da vida cotidiana. Adoto uma visão mais dialética e relacional da relação metabólica com a natureza. O capital modifica as condições ambientais da própria reprodução, mas o faz em um contexto de consequências não intencionais (como as mudanças climáticas) e em um cenário de forças evolutivas autônomas e independentes que remodelam perpetuamente as condições ambientais. Desse ponto de vista, não existe um desastre verdadeiramente natural. Os vírus sofrem mutações o tempo todo para terem certeza. Mas as circunstâncias em que uma mutação se torna ameaçadora e fatal dependem das ações humanas.

Existem dois aspectos relevantes para isso. Primeiro, condições ambientais favoráveis aumentam a probabilidade de mutações vigorosas. Por exemplo, é plausível esperar que sistemas intensivos ou irregulares de suprimento de alimentos nos subtrópicos úmidos possam contribuir para isso. Tais sistemas existem em muitos lugares, incluindo a China ao sul do rio Yangtzé e o Sudeste Asiático. Em segundo lugar, as condições que favorecem a transmissão rápida por organismos hospedeiros variam muito. Populações de alta densidade pareceriam um alvo fácil para serem hospedeiros. É sabido que as epidemias de sarampo, por exemplo, apenas florescem em grandes centros populacionais urbanos, mas morrem rapidamente em regiões pouco povoadas.

Material com direitos autorais

O modo que os seres humanos interagem, se movimentam, se disciplinam ou esquecem de lavar as mãos afeta a forma como as doenças são transmitidas. Nos últimos tempos, a Sars, a gripe aviária e a gripe suína parecem ter saído da China ou do Sudeste Asiático. A China também sofreu muito com a peste suína no ano passado, implicando o abate em massa de porcos e o aumento dos preços da carne suína. Não digo tudo isso para indiciar a China. Existem muitos outros lugares onde os riscos ambientais para mutação e difusão viral são altos. A gripe espanhola de 1918 pode ter saído do Kansas, a África pode ter incubado o HIV/aids e certamente originado o vírus do Nilo Ocidental e o ebola, enquanto a dengue parece florescer na América Latina. Mas os impactos econômicos e demográficos da propagação de um vírus dependem de fendas e vulnerabilidades preexistentes no modelo econômico hegemônico.

Não fiquei indevidamente surpreso que a covid-19 tenha sido encontrada inicialmente em Wuhan (embora não se saiba se foi lá que ela se originou). Claramente, os efeitos locais seriam substanciais e, dado que se trata de um grande centro de produção, provavelmente haveria repercussões econômicas globais (embora eu ainda não tivesse ideia da magnitude). A grande questão era como o contágio e a difusão poderiam ocorrer e quanto tempo duraria (até que uma vacina pudesse ser encontrada). Experiências anteriores haviam mostrado que uma das desvantagens da globalização crescente é como é impossível impedir uma rápida difusão internacional de novas doenças. Vivemos em um mundo altamente conectado, em que quase todos viajam. As redes humanas para potencial difusão são vastas e abertas. O perigo (econômico e demográfico) era que a interrupção durasse um ano ou mais.

Embora tenha havido uma queda imediata nos mercados financeiros quando as notícias iniciais foram divulgadas, foi impressionante como, em seguida, os mercados atingiram novos picos por um mês ou mais. As notícias pareciam indicar que os negócios estavam normais em todos os lugares, exceto na China. Acreditava-se que iríamos experimentar uma

Material com direitos autorais